

Marli Medeiros: Entre o céu e a terra

Iniciamos as atividades artísticas experienciando com as turmas a prática da pintura no campo expandido. O meio pictórico foi escolhido como pontapé inicial pelas diversas possibilidades plásticas e gestuais que a linguagem permite, provocando nos participantes um lugar de desafio e exercitando questões próprias da pintura, como a densidade da tinta, escala de cores, manualidades com o material e escala de imagem. A atividade foi importante, pois instrumentalizou os participantes a percorrerem o caminho da pintura, o qual o próprio gesto da pincelada conduz o percurso do criador e, conseqüentemente, criou confiança para que os jovens aderissem às novas propostas.

Marli Medeiros nasceu em 30 de junho de 1952, em Alegrete, e faleceu em 7 de junho de 2018, em Porto Alegre. Em 1976, mudou-se para Porto Alegre e em 1990 foi morar na Vila Pinto, no bairro Bom Jesus, onde dedicou sua vida para transformar a realidade da comunidade. Marli fundou o Centro de Educação Ambiental, o Centro de Triagem da Vila Pinto, o Centro Cultural Marli Medeiros e a Escola de Educação Infantil Vovó Belinha. O CEA (Centro de Educação Ambiental Marli Medeiros) é um instituto que busca proporcionar desenvolvimento social, humano, econômico, educacional, ambiental e tecnológico para a comunidade Bom Jesus.

Mapas afetivos

Qual a nossa trilha pedagógica como educadores no percurso até os participantes? é linear? é horizontal? é atravessado por outros cruzamentos? Entendemos que o caminho se faz no percurso em conjunto, vivenciando o processo de criação tanto individual quanto coletivo.

A experiência no terreno educacional em artes nos coloca diante da ideia de que os territórios são locais inerentemente afetivos tanto de maneira física quanto subjetiva. Durante todo o projeto elaboramos atividades que nos possibilitaram refletir sobre os territórios que ocupamos. A partir da oficina sobre cartografia afetiva, os participantes entraram em contato com diferentes mapas e foram estimulados a pensar em seus trajetos afetivos e locais almejados, surgindo como resultado fragmentos de territórios individuais que foram compilados e transformados em um único grande mapa que costura todos esses percursos afetivos.

O projeto “LAB.Presença” foi concebido sobre um dos alicerces de levar o Museu de Arte Contemporânea do RS (MACRS) de maneira física e simbólica para outros territórios. Essa ação ocorreu por meio do deslocamento dos educadores, propostas de oficinas, palestras e vivências em arte. Em contrapartida, a comunidade atendida pelo projeto realizou o mesmo caminho, se fazendo presente através das visitas, envolvimento dos participantes e interações com os espaços museográficos. A partir da ideia da intersecção destes dois locais, os idealizadores do projeto, conjuntamente com os participantes, elaboraram a obra “O Muro”, por meio das questões: onde eu posso acessar? quem nos permite passar? proteção de quê? de quem? para quem? Pensando no deslocamento do espaço do bairro para o centro da cidade, a “bonja” chega de maneira definitiva alicerçando seu território na construção física de um muro realizada por um dos moradores da comunidade.

Cerâmica e seus territórios

Durante o desenvolvimento do projeto, delineamos saídas de campo para os participantes com a intenção de explorar conjuntamente instituições e artistas locais, transcendendo os limites do MACRS. Uma dessas iniciativas conduziu o grupo ao ateliê de cerâmica "O Bestiário", localizado na Avenida Cristóvão Colombo, com a colaboração de Vini, artista e sócio do local, que foi responsável por conduzir a atividade com o grupo.

O intuito desse encontro residiu em proporcionar aos adolescentes a oportunidade de conhecer um ateliê de artista, destacando os diferentes aspectos da profissão e oportunizar a vivência de todas as etapas da técnica de cerâmica, desde o processo de produção até a queima do material.

A atividade possibilitou essa experiência, resultando em diversas produções, inclusive dos educadores do ProJovem, que se envolveram conjuntamente com a turma em se expressar artisticamente por meio da argila. Pensamos na técnica, pois envolvia a questão muito presente da manualidade, gesto, pressão, suavidade e volumetria. A criação tridimensional nos dá outra sensação e relação física com o espaço do fazer artístico ao projetar um objeto em cerâmica, pois ele nos exige um olhar atento sobre todas as perspectivas da peça.

Colagem e seus territórios

Ao elaborarmos o cronograma de atividades práticas, buscamos técnicas que permitissem aos participantes produzirem de forma autônoma e fora do âmbito institucional. Para isso ser efetivo, pesquisamos atividades acessíveis e envolventes, onde a prática da colagem emergiu como uma opção relevante. Além disso, é uma técnica artística que tem como fundamento básico a junção de imagens de contextos diferentes e no momento que essas figuras se juntam, no mesmo espaço físico e simbólico, elas obrigatoriamente estabelecem relações entre si.

A temática “território” foi o ponto de partida nas produções, assim, os jovens foram estimulados a criar obras expressando sua perspectiva individual em relação à palavra. As produções trouxeram à tona muitos assuntos e questionamentos, acentuando a concepção dos jovens sobre pautas sociais, raciais e de classe. As propostas práticas sempre buscaram, dentro de cada particularidade, explorar questões que fossem valiosas para os estudantes. Questões como: O que você tem a dizer? Como você entende a palavra território? Como eu me relaciono com ele?

Por meio de uma "Gincana Artística" realizamos o primeiro encontro com o grupo de adolescentes utilizando jogos e materiais pedagógicos, dentre eles, o uso de um quebra-cabeça em tamanho real, baseado na obra "Macunaíma 4", a qual pertence à série de animações produzidas por Manatit e Mishta, em conjunto com as obras do artista Jaider Esbell. O jogo foi elaborado a partir de dados e leituras de obras do acervo e, por fim, foi realizado um exercício de “passa ou repassa” sobre perguntas do território da Bom Jesus e sobre o território onde está o MACRS.

A ideia norteadora de pensar um conjunto de atividades lúdico educativas, utilizando materiais didáticos propositivos e poéticos próprios, surge por considerarmos alguns aspectos importantes dos objetos de aprendizagem poéticos. Eles precisam ser pensados e desenvolvidos para provocar eventos educativos e para produzir experiências significativas e singulares nos participantes.

A criação de objetos de aprendizagem poéticos para o ensino e para a aprendizagem de artes visuais aproxima-se do universo da criação artística. Essa produção ocorre a partir de determinado tempo de maturação, este tempo é em ambos um processo artístico. Por correspondência, o processo de ensinar é um ato criativo, um caminho de invenção e descoberta que acontece tanto pelo ato de ensinar como também de criar para ensinar.

Lettering

A partir dos interesses em letras e grafias, os educadores do MACRS germinaram uma ideia de trazer alguém que conseguisse conversar e ilustrar na prática as diferentes caligrafias. O artista Felipe Batista (@goldlettering) fez parte do projeto trabalhando com os jovens a “lettering”, que é uma forma de arte que combina caligrafia, tipografia e graffiti. Em um dia de oficina, o artista apresentou a história do “lettering” e suas técnicas para o grupo do ProJovem, além de demonstrar o ensejo crítico da linguagem popular. O artista nasceu na Bonja, bairro onde mora até hoje.

Desenhos Lavados

Por meio de trocas e de conversas informais com a artista e colaboradora do acervo do MACRS, Ana Paula Kramer, convidamos a profissional para realizar uma oficina de desenho lavado. Partindo de observações em lugares específicos do projeto, Praça dos Anjos (Bom Jesus) e Jardim Lutzenberger (Casa de Cultura Mario Quintana) os adolescentes foram instigados a identificarem elementos próprios de cada local, a partir do desenho de observação. A proposta possibilitou um outro olhar para ambos os locais, principalmente sobre o território que estão habituados a circular, onde muitas vezes alguns elementos e paisagens passam despercebidos. Portanto, o encontro foi um exercício para um olhar mais sensível diante do que está ao nosso redor.

Sobre a técnica: O processo começa com um desenho em grafite, e em seguida pinta-se as áreas do desenho com tinta branca guache. Após a secagem, aplica-se nanquim em toda a folha. O próximo passo é lavar o desenho sob água corrente, removendo o guache e deixando o nanquim nas áreas não pintadas. Finalmente, o desenho é colocado em uma superfície plana para secar.
